



TESTEMUNHOS DA SHOAH: PARA ALÉM DA DISTINÇÃO DE GÊNERO

Sofia Débora Levy¹

Partindo da visão inicial com ênfase na condição humana, independente do gênero, buscamos ao longo das entrevistas junto a sobreviventes do Holocausto apreender como eles apreendiam o que estava lhes acontecendo. No entanto, uma vez colhidos os depoimentos, em sua releitura percebemos algumas características na diferenciação de gêneros, que saltam aos olhos quanto à estrutura global dos relatos. Propomo-nos, então, a apresentar essas diferenças gerais e a levantar questionamentos acerca das possíveis influências de tais incidências, bem como se esses questionamentos procedem significativamente frente à condição primordial do registro de testemunhos do Holocausto.

Nossa análise se faz, primordialmente, com base na amostragem das dez histórias de vida colhidas entre os anos de 1994 e 1995 junto a judeus sobreviventes do Holocausto, residentes na cidade do Rio de Janeiro, sendo 7 homens e 3 mulheres, compondo a pesquisa de campo da Dissertação de Mestrado em Psicologia *Repensando o Ser: uma análise metaprocessual dos relatos de sobreviventes do Holocausto* (LEVY, 1996), a saber: Abraham Warth (Z'l)²; Aleksander Henryk Laks; Chaim Najman (Z'l); Edward Heuberger (Z'l); Kurt Homburger; Lejbus Brener; Leon Herzog; Maria Yefremov; Roza Rudnik e Simone Goldring Soares. Na época, coube à autora deste trabalho buscar os sobreviventes que concordaram em prestar seu depoimento por entenderem a importância de deixar registrado para as futuras gerações o testemunho desse trágico período da História Universal. As entrevistas de Histórias de Vida, metodologia de investigação nos moldes da História Oral (QUEIROZ, 1988) cobrindo as memórias dos depoentes antes, durante e depois do Holocausto, até a reconstrução de suas vidas no Brasil, foram gravadas em áudio-cassetes e posteriormente transcritas pela entrevistadora, que as submeteu à apreciação de cada depoente, revisando-as conjuntamente até sua concordância final, constituindo documentos pessoais (MERCADÉ, 1986).

Nessa amostragem, a primeira evidência recai sobre a extensão: os relatos das mulheres são menos extensos do que a maioria dos relatos dos homens. Enquanto os relatos dos homens variam de 14 a 72 páginas, os das mulheres variam de 06 a 11 páginas (LEVY, 1996). Esse registro perfaz

¹ Psicóloga Clínica. Ms. Psicologia. Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em História das Ciências, Técnicas e Epistemologia/UFRJ. sofiadebora@hotmail.com

² Z'l: Abreviatura de *Zichrono LeBrachá*, Abençoada seja sua lembrança, em hebraico. Equivalente a *in memoriam*.



tanto a narrativa livre de cada um, quanto a série de perguntas e respostas elaborada ao longo das entrevistas, buscando a pormenorização das memórias relatadas.

Outras evidências dos relatos recaem sobre a qualidade de concisão e a composição textual de síntese. Ambas aludem à expressão em poucas palavras. Um texto conciso é aquele em que idéias precisas se condensam na expressão do que se quer comunicar, com referência a elementos-chave. A síntese de texto é um tipo de composição que apresenta o que o autor expressou essencialmente, sem reduções a elementos, numa reunião num todo que os unifique, configurando um sentido global (MOISÉS, 1985). Assim, a qualidade de concisão se faz presente na composição textual da síntese que, por sua vez, apresenta uma resultante de idéias para além da soma de suas partes.

Ao longo das entrevistas, as mulheres apresentaram uma concisão de idéias tal que os registros de suas vivências se pronunciavam como marcas em seu ser, como impressões, apoiando-se na descrição de alguns fatos marcantes. À entrevistadora coube elaborar perguntas de modo a levá-las a pormenorizar essas impressões, tão intensas em sensações e sensibilidades que formavam blocos de *Erlebnis* - no sentido atribuído por Wilhelm Dilthey - ou seja, vivências rememoradas a partir das quais buscou-se captar a visão de mundo – *Weltanschauung*, (DILTHEY, 1911/1992) - do depoente, e o sentido que interligava a estrutura de significação de suas vivências. Esse modo de elaboração constitui-se, de fato, num método investigativo, o método existencial-fenomenológico, no qual “busca-se captar o sentido histórico da vivência tal como é percebido pelo autor da conduta” (SEMINERIO, 1986, p. 11).

Fosse deixando-as relatar livremente, ou através de perguntas, buscávamos explicitar o olhar peculiar com o qual as vivências foram registradas. A pormenorização, portanto, intentava melhor captar a percepção própria da depoente, bem como os elementos-chave presentes em seu sentido vivenciado, e não simplesmente angariar mais detalhes que, porventura, pudessem ter sido suprimidos.

Sofia - Quando vocês começaram a ouvir falar de Adolf Hitler?

Maria - Ouvimos quando ele subiu ao poder. Depois, os judeus alemães começaram a ir para a Iugoslávia para pedir ajuda, uma vez que nós sabíamos o que acontecia na Alemanha: sabíamos que estavam em guerra, que os alemães não queriam mais a presença de judeus por lá, e que todos os judeus fugiam, pois suas vidas estavam em perigo. Só que nós não achávamos que Hitler chegaria até nós.

Sofia - Vocês sabiam das atrocidades cometidas com os judeus na Alemanha?

Maria - Nós não sabíamos da existência de campos de concentração ou de fornos crematórios. Pensávamos que se tratava de trabalhos forçados. Até eu ser levada de minha cidade, eu não tinha tido notícias de campos ou crematórios. Só quando cheguei em Auschwitz foi que eu vi, do bloco onde fiquei, o forno crematório dia e noite aceso. Tinha chamas que chegavam a alguns metros de altura, e um cheiro horrível de gordura humana



que impregnava o campo. Eu e minhas companheiras víamos e sabíamos que nossas mães não voltariam, nem os pais, nem as crianças. Todos sabíamos para onde eles foram: bastava olhar aquele fogo.³

Sofia - Qual foi o critério de seleção na hora da separação?

Roza - Nós não sabíamos de nada. Eles separaram as mulheres idosas, as mulheres que tinham crianças; às vezes apanhavam as crianças e deixavam as mulheres à parte.

Sofia - Como era o momento da separação das mães e suas crianças?

Roza - Horrível. Choravam muito, mas não adiantava.

Sofia - Houve reação das mães na hora da separação?

Roza - Sim, muitas. Algumas foram fuziladas na hora.⁴

Acreditamos que, frente a essa intensidade, comumente aludida mais às mulheres do que aos homens quanto à permissão sócio-cultural de sentir e responder sentimental e emocionalmente para si e para os outros, levou-as a constituir tal concisão, como forma defensiva intentada para sua integridade psíquica. Já os homens manifestaram relatos nos quais não se preocupavam com a necessidade de concisão, seja na sua forma de sentir, seja no reflexo disso, na sua forma de se expressar em seu relato. Decorridos anos da vivência traumática, os homens deixavam aflorar suas indignações, emoções, perguntas ainda sem resposta, tornando-os mais prolixos.

O nosso trabalho imediato dentro desse campo era carregar pedras. E nós achávamos que isso era uma brincadeira. E era brincadeira! Era para nos matar, e nós não sabíamos por quê?! No primeiro dia, nós levamos as pedras de um lugar para outro. No outro dia, todos nós íamos para esse outro lugar trazer todas as pedras de volta para onde nós havíamos tirado no dia anterior. Então, eles simplesmente queriam nos cansar, se é que algum de nós ainda trazia consigo alguma carne no corpo que precisasse cansar, pois na saída já éramos cadáveres.⁵

O ser humano é muito complexo, cheio de mistérios ainda não desvendados, sem saber porque e como reage desta ou daquela maneira, principalmente em situações de perigo entre vida e morte. O fator psicológico, o instinto de vida, o instinto animalesco que o ser humano possui e, talvez, a chamada sorte, todos esses fatores juntos foram responsáveis pela minha sobrevivência do Holocausto. Como eu agi, como eu me comportei, e quais foram as outras forças do meu interior, ainda são incógnitas para mim. As explicações deixo para psicólogos, psiquiatras e psicanalistas.⁶

Não pensei em nada do que poderia acontecer depois. Na hora, só pensei em fugir. O ser humano é muito complexo. É inacreditável a sua atitude em circunstâncias de risco de vida. Então, não há perguntas nem explicações para se eu pensava ou não em encontrar a minha família. Eu iria fugir naquele momento. O que aconteceria depois, eu não sabia. Não sabia nem o que iria acontecer comigo!⁷

Assim, eu fui levando até fins de agosto, início de setembro. Estava muito frio, a gente mal se agüentava, mas tinha que agüentar para sobreviver. A gente não pode imaginar como eles podiam fazer essa barbaridade com os seres humanos. Os homens são todos iguais! Nós somos como eles, e eles são como nós! Mas, como eles nos mataram desse jeito?! Nos tatuaram, nos jogaram no chão...⁸

Haveria, portanto, um rompimento com o dever de não responder emocionalmente, comumente cobrado dos homens ao longo dos séculos. E a idéia de que as mulheres são mais

³ LEVY, Sofia Débora. *Repensando o Ser: uma análise metaprocessual dos relatos de sobreviventes do Holocausto*. Dissertação de Mestrado em Psicologia. Rio de Janeiro, 1996, p. 648 – depoimento de Maria Yefremov.

⁴ *Ibidem*, p.665-666 – depoimento de Roza Rudnik.

⁵ *Ibidem*, p. 318 – depoimento de Abraham Warth.

⁶ *Ibidem*, p.553-554 – depoimento de Lejbus Brener.

⁷ *Ibidem*, p. 562 – depoimento de Lejbus Brener.

⁸ *Ibidem*, p. 436-437 – depoimento de Chaim Najman.



prolixas em sua expressão, mais emocionais e se delongando mais em detalhes, não seria confirmada nesse recorte (MISSE, 1981).

Quanto à síntese, operação que procede do simples para o complexo, as mulheres apresentam um relato mais sintético, pormenorizado um pouco mais a partir das perguntas da entrevistadora, mas que, ainda assim, não necessariamente se aprofundaram muito mais o que já haviam relatado.

Mas, reiteramos, nem por isso seus relatos eram menos intensos, uma vez que em poucas palavras deixam transparecer a dor embutida que, pela sua infinitude, compõe-se densamente de elementos que sinalizam um sem-fim, caso fossem por elas pormenorizáveis. A sensação de perigo iminente de serem tragadas pelo mar da dor teria levado as mulheres a tentarem uma síntese em seus relatos. A complexidade do enredamento dos dados acerca das vivências traria à tona dores de antanho e dores do presente revivescido, gerando um movimento de evitação em face de uma possível impotência para lidar com tamanha intensidade emocional passada-presente.

Eu sempre me escondia para que não vissem que eu estava grávida, pois quando entrei lá, em maio, eu estava com 5 meses de gravidez e em 18 de agosto eu dei à luz à criança. Mas ela foi levada assim que nasceu, e eu assisti a isso e não pude fazer nada... Algum tempo depois, me recuperei um pouquinho, e em setembro nos levaram para o trabalho. Fomos para uma cidade que os alemães ocuparam dos poloneses chamada Birenbaumel, não posso me esquecer. Lá nós passamos os meses de setembro, outubro e novembro fazendo grandes trincheiras contra os tanques, para que quando os russos viessem não conseguissem passar.⁹

Além do número tatuado no braço, nós éramos obrigadas a usar um outro no pescoço, como gado. Não tínhamos nomes; tínhamos números.

Foram selecionando, e minha irmã foi uma delas. Aí, aconteceu um milagre: ela me puxou e fomos emboladas com o resto do grupo. Por uma sorte do destino, uma das moças não tinha esse número no pescoço, e eu fiquei no lugar dela.

Saímos daquele inferno e fomos para um campo particular, na Polônia mesmo - 1943. Lá ficamos durante um ano, costurando, passando fome, mas era mais brando. Pelo menos já não víamos mais aquele crematório à nossa frente.¹⁰

Já os homens, aqui se sentindo amparados pela referência estrutural do gênero eminentemente racional, permitir-se-iam pormenorizar suas memórias, balizados pela suposta capacidade de manter o curso de seus relatos nos conformes de uma racionalidade que os amparasse do oceano da dor.

O outono se aproximava, as noites frias eram mais intensas. Quem poderia imaginar que os judeus provenientes do gueto de Kraków, que podiam trazer cobertor ou endredon, negassem aos sobrinhos cobrir seus pés frios? Sou testemunha ocular que vi e ouvi queixas dos meus companheiros. Parece que o instinto animalesco prevalece e domina o ser humano nessa hora quando se ignora o que pode acontecer daqui a pouco. (...)

Até hoje não entendo como consegui enxergar essa brecha na cerca e consegui fugir. Quais foram as forças do meu interior que atuaram dentro de mim para que eu escapasse novamente da morte?¹¹

⁹ *Ibidem*, p. 645 – depoimento de Maria Yefremov.

¹⁰ *Ibidem*, p. 661 – depoimento de Roza Rudnik.

¹¹ *Ibidem*, p. 557 – depoimento de Lejbus Brener.



Não sei dizer o que me atingiu mais, se a violência física de bater em nós nas caras, nas costas, nos dando pontapés; se aqueles gritos de "Judeu sujo!", "Judeu de merda!"; se o arraso de nossa dignidade talvez doesse mais do que os tapas, os pontapés e as dores físicas. Também, era uma surpresa, não dava para raciocinar. De repente, uma pessoa que nunca apanhou, que nunca gritou com ninguém, sem nenhuma razão apanhava! Por quê? Só por ser judeu.

Na verdade, tenho que confessar que, com meus 19 anos, sabia do anti-semitismo, sabia que existia o fascismo, mas jamais me dei conta da cruz que carregava. Jamais me dei conta que uma pessoa pode ser condenada a perder todos os seus direitos, todas as dignidades de ser um homem, só porque nasceu judeu. Nas perseguições de partidos políticos, nas perseguições de comunistas, nas perseguições a políticos, nas perseguições às pessoas contrárias ao governo, nas histórias passadas das perseguições àqueles que não eram cristãos, havia uma saída para a pessoa se converter; havia uma saída para a pessoa colaborar com o governo em questão; havia uma saída para a pessoa aderir; havia uma saída para a pessoa se defender dizendo "eu não sou contra o governo"; havia um jeito de demonstrar que a pessoa podia se converter.

Mas, nesse avanço do fascismo, nessa guerra suja do fascismo, aqueles governantes eram a Lei, eram a Constituição, não havia nenhum retorno. Nós, judeus, especialmente, éramos declarados inimigos número um, sem termos disparado um tiro sequer contra o inimigo. Nós, judeus, éramos condenados à morte, à aniquilação para a 'Solução Final' sem termos o direito sequer, como os maiores criminosos de guerra, de comparecer perante um tribunal e ser condenado. Nós fomos aniquilados, destruídos, por vontade de um grupo de fascistas que achavam que iriam fazer a 'Solução Final' dos judeus.

Já imaginaram que, um simples soldado chega para lhe bater ou matar, e você vai falar com os superiores e o superior mata aquele que reclama? Já imaginaram como, de repente, a gente acorda e vê uma realidade que até hoje nem as pessoas que viveram naquela época, nem a juventude de hoje - que não é mais juventude, pois já se passaram 41 anos desde que a guerra terminou, não pode imaginar como isso pode acontecer num mundo civilizado. Mas, aconteceu e eu vou contar tudo.¹²

No entanto, para além dessas diferenciações, tomadas a partir de um ponto de vista próximo do senso comum, questionamos a relevância dessas diferenças frente à especificidade da literatura de testemunho, e especificamente a do testemunho traumático. Conforme aludido inicialmente, a coleta das histórias de vida se deu a partir da busca de apreensão da compreensão acerca da condição humana, tanto dos próprios depoentes quanto do que eles testemunharam daqueles que os cercavam – quer fossem homens ou mulheres, quer fossem vítimas ou algozes, assim classicamente aludidos.

Em nosso entender, no que tange ao testemunho de sobreviventes do Holocausto, marco histórico de forte impacto sobre a humanidade antes, durante e depois de sua ocorrência, provocador do mal-estar paradoxal e dilema humano do século XX, a estrutura diferenciadora de gênero presente nos relatos de história de vida apresenta-se como um dos fios condutores da pormenorização possível em investigações de análise do discurso. Como nos mostra Eni Orlandi (2005a), no texto vislumbramos as condições lingüísticas, históricas, e ideológicas do sujeito enunciador, tanto no momento em que se pronuncia, quanto no momento rememorado do qual se fala - e, no nosso caso em questão, no qual esteve inserido. Segundo a autora, para compreendermos o texto enunciado, precisamos construir dispositivos teóricos e analíticos de interpretação para mediar a relação com os sentidos e com nós mesmos. (ORLANDI, 2005b). Assim, caberá ao

¹² *Ibidem*, p. 300-301 – depoimento de Abraham Warth.



analista do discurso elaborar suas análises através de elementos estruturados, de modo a apresentar aspectos passíveis de serem revelados no texto em suas idiossincrasias. Neste trabalho, observamos as interfaces entre aspectos psicológicos socialmente aludidos à diferença de gênero, e suas possíveis influências na configuração dos relatos de homens e mulheres quanto à extensão, concisão e síntese resultantes.

Contudo, a mensagem intentada acerca da condição humana unifica mais do que diferencia. O espanto, a busca de compreensão, o engasgo, a emoção, o embate, o desassossego do depoente promove encontros quando de sua leitura, em meio aos desencontros relatados. Encontros esses promovidos pelo que nos identifica como seres humanos: o sentir, a busca de compreensão, a indignação, a angústia, a tentativa de organização de idéias, e a insistência em compreender a si frente ao outro (BUBER, 1982).

O que há de comum no inter-humano, esfacelado na violência vivida, fala mais alto no relato compartilhado. Idiossincrasias inerentes à individualidade e constitutivas da personalidade única de cada um são vozes que, em múltiplos tons, conclamam à reflexão acerca do que somos sim, apesar do impedimento de ser intentado pelo nazi-fascismo. Nossa sinalização recai, portanto, no reconhecimento possível de análises de gênero diferenciadas, mas sem perder de vista o elemento transcendente de tais diferenças, visando ao comum de dois como referência ética, recado maior das testemunhas da *Shoah*.

Refletindo e analisando todos os fatos, cheguei à conclusão de que o espírito de lutar para viver e sobreviver em quaisquer circunstâncias é o pilar que nos sustenta e o bastião que nos dá ânimo e força para superar os sofrimentos e as perseguições que nos afligem. O fator psicológico é a bússola que nos guia, a luz que ilumina nossa mente, e a força que dá sustento ao nosso organismo para agüentar o sofrimento que o ser humano passa em quaisquer circunstâncias.¹³

Bibliografia

BUBER, Martin. *Do Diálogo e do Dialógico*. São Paulo: Perspectiva, 1982.

DILTHEY, Wilhelm. *Teoria das Concepções do Mundo*. Lisboa: Edições 70, 1911/1992.

LEVY, Sofia Débora. *Repensando o Ser: uma análise metaprocessual dos relatos de sobreviventes do Holocausto*. 1996. 3 v, 691fls. Dissertação de Mestrado em Psicologia - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

MERCADÉ, Francesc. Metodologia Cualitativa e Historias de Vida. *Revista Internacional de Sociologia*. Madrid, 44, (3), setembro, 1986, 295-320.

MISSE, Michel. *O Estigma do Passivo Sexual*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Achiamé, 1981.

¹³ *Ibidem*, p. 559 – depoimento de Lejbus Brener.



MOISÉS, Massaud. *Dicionário de Termos Literários*. 4^a ed. São Paulo: Cultrix, 1985.

ORLANDI, Eni Puccinelli. *Análise de Discurso: princípios e procedimentos*. 6^a ed. Campinas, SP: Pontes, 2005a.

ORLANDI, Eni Puccinelli. *Discurso e Texto: formulação e circulação dos sentidos*. 2^a ed. Campinas, SP: Pontes, 2005b.

QUEIROZ, Maria Isaura Pereira. Relatos Orais: Do “Indizível” Ao “Dizível”. Termo In: VON SIMON. *Experimentos de História de Vida - Enciclopédia Aberta de Ciências Sociais Itália/Brasil*. São Paulo: Vértice, 1988, 14-41.

SEMINERIO, Franco Lo Presti. O problema do método: limite ou expansão em ciências humanas. *Arquivos Brasileiros de Psicologia*, Rio de Janeiro, 38, (2), Abr./Jun., 1986, 3-17.